

Da História da Linguagem à Crítica da Metafísica em Condillac

Fernão de Oliveira Salles

UFSCar

No *Tratado dos sistemas*, como se sabe, a filosofia do século XVII é passada a limpo pela crítica exaustiva de Condillac. Livro inteiramente dedicado, como indica o título, à exposição da noção de sistema, para determinar como alguns dos maiores expoentes do pensamento filosófico moderno se enredaram em erro e erigiram sistemas inteiramente equivocados, a obra parece ser o lugar próprio para quem quer buscar a crítica de Condillac à metafísica. No *Tratado*, os mais eminentes pensadores do “grande racionalismo” são, *grosso modo*, acusados de tomar por princípio o que está no final da cadeia de descobertas, isto é, de partir das ideias abstratas como as de *substância*, *modo*, *ser* e *essência*, entre outras, para daí deduzir, progressivamente, a “totalidade do existente”, na expressão feliz de Luiz Roberto Monzani¹. Numa primeira leitura, o problema parece dizer respeito, portanto, unicamente à ordem e disposição das partes da filosofia num sistema. Como observa Condillac, em diversas passagens desta obra, em vez de tomar ideias gerais e abstratas como pontos de partida, dever-se-ia começar pela observação dos fatos, tais como eles se apresentam à percepção². Segundo a fórmula do abade: um sistema bem-feito deve ser constituído por “uma sequência de fatos bem observados”. Ou seja, um bom

1 Cf., Monzani, L.R. “O empirismo na radicalidade; introdução à leitura do *Tratado das sensações*”, p. 10, in: Condillac, *Tratado das sensações*, Denise Bottmann (trad.), Editora da Unicamp, Campinas, 1993.

2 Cf., Condillac, *Traité des systèmes*, p. 122: “As noções abstratas são absolutamente necessárias para colocar ordem em nossos conhecimentos porque elas marcam para cada ideia qual a sua classe. (...) Mas imaginar que elas sejam feitas para conduzir a conhecimentos particulares é uma cegueira (...)”

sistema deveria reproduzir a ordem da descoberta da verdade cujo ponto de partida é sempre uma sensação.

Mas não é somente isso. Os sistemas da metafísica clássica não incorreram em erro à toa. O *Tratado* vai mostrar que o extravio é em certa medida natural, pois é derivado da própria linguagem. É nas ilusões produzidas pelos signos linguísticos, associadas às paixões e preferências singulares de cada autor, que se radicam as causas desse extravio da trilha segura da experiência. Como explica o importante capítulo da *Origem e progressos da divinação* (*Traité des systèmes*, pp. 133-141), o comum dos homens tende a considerar que há uma ligação natural entre as palavras e as coisas que elas nomeiam e ignora que foram somente a utilidade e a analogia que os levaram a instituir certos sons como signos das coisas. Acreditando que essa relação seja natural sustentam também a opinião segundo a qual “os nomes retraçam o que os objetos são neles mesmos”. Os metafísicos nada mais fazem a não ser redobrar essa ilusão; por isso, constroem seus sistemas como se as palavras revelassem as essências das coisas³. Desconhecem, portanto, que os princípios postos na base de seus sistemas são apenas um modo de expressar generalizações e abstrações que resultaram de múltiplas observações da experiência. Seu discurso termina por constituir-se como jargão que, estando descolado da experiência que deveria fornecer-lhes a referência, é, ao fim, uma língua mal feita. A consequência dessa ignorância será, para o autor do *Tratado*, o extravio do raciocínio:

Os princípios abstratos são, propriamente, somente um jargão; já o vemos, e o veremos ainda mais nos capítulos seguintes. Essa é a confirmação da grande verdade que demonstrei: que a arte de raciocinar se reduz a uma língua bem-feita (CONDILLAC, *Traité des systèmes*, p. 131).

O *Tratado dos sistemas* não desenvolve essa tese, mas se restringe a mobilizá-la contra a metafísica clássica. Sua argumentação é aplicação tópica de conclusões inferidas numa obra anterior. É no “estudo do espírito humano”⁴, apresentado no *Ensaio sobre a origem dos conheci-*

3 Cf., *Traité des systèmes*, p. 135.

4 Se o *Ensaio* pretende evitar os erros da metafísica clássica e apontar as causas de seus erros, é na medida em que vai empreender esse “estudo do espírito humano” pelo único caminho seguro, no entender de Condillac: a reconstituição da gênese das operações do espírito, o estabelecimento de seus limites e o conhecimento da

mentos humanos, que se encontram as razões que permitem ao filósofo afirmar seja a necessidade da linguagem para o desenvolvimento das faculdades superiores da alma, sejam os perigos que esse instrumento essencial para o pensamento inevitavelmente acarreta. Mais precisamente, é a investigação acerca dos progressos da linguagem que evidencia por que o uso de signos pode conduzir ao erro e, conseqüentemente, por que um método se faz necessário para evitá-lo. E é no capítulo sobre a escritura, precisamente, que se encontram as indicações mais nítidas para compreender por quais brechas o signo pode introduzir o erro.

II

O *Ensaio*, como se sabe, busca descrever a gênese das faculdades superiores da alma e estabelecer os limites de seu alcance – fazer a ciência do homem no que tange às faculdades do conhecimento. Reconstituindo minuciosamente as etapas desse processo, Condillac constata o papel fundamental da linguagem no desenvolvimento das faculdades mais elevadas do espírito. Não se restringindo à função de comunicar nossas ideias, os signos linguísticos são responsáveis tanto pela autonomia da alma em relação às impressões sensíveis quanto pela produção de novas ideias. De posse dessas “alavancas do pensamento”, segundo a expressão do autor, os homens tornam-se capazes de dirigir sua atenção, de comparar e examinar os mais diversos objetos, estejam eles imediatamente dados aos sentidos, ou não. Noutros termos, na medida em que possui signos para suprir a falta de certos objetos o espírito se torna senhor de suas próprias operações; embora a experiência continue sendo, em última instância, a matriz das significações e sua referência obrigatória. Mas, além disso, sendo também poderosos instrumentos de análise do dado empírico, os signos são responsáveis pela produção de novas ideias, pois tornam possível pensar, de modo distinto e nítido, uma série de qualidades, relações e objetos presentes de modo confuso e obscuro na percepção⁵.

origem de nossas ideias pela via da observação (cf., *Ensaio*, p. 34). Trata-se de seguir a pista deixada por homens como Locke, Bacon e, como indicarão mais tarde o *Tratado dos sistemas* e o *Curso de história moderna*, Newton.

5 Cf., CONDILLAC, *Ensaio*, p.124: “Locke fala de americanos que não têm nenhuma ideia do número mil, pois só imaginam números para contar até o vinte Acrescento que eles teriam dificuldades, caso tentassem dar um nome para o número vinte e um. Eis a razão disso. Pela natureza do nosso cálculo, é suficiente ter ideias dos primeiros números para que possamos criar ideias de todos os números que formos capazes de determinar. Da-

Por isso, como notou Derrida, o *Ensaio* pode ser lido como uma semiótica⁶, mesmo quando se considera as seções em que a linguagem parece ausente ou secundária. Com efeito, desde sua primeira parte, onde se trata propriamente de explicitar os princípios da gênese das faculdades do entendimento, o papel por ela desempenhado é decisivo para a reconstituição correta da gênese das faculdades. É justamente a importância da linguagem, sobretudo da fala, que explica o desdobramento do estudo da geração das faculdades, realizado na primeira parte do *Ensaio*, num estudo da gênese e dos progressos da linguagem em geral (das palavras, da fala e da escrita em especial), na segunda parte da obra. Tendo constatado a importância dos signos para a geração das faculdades ou operações da alma, Condillac passa a explicar a invenção desses elementos. Esse passo, é importante notar, é indispensável para solucionar uma aparente circularidade do argumento acerca da origem das faculdades: “Quanta reflexão não seria necessária, para formar as línguas! E que auxílio não prestam as línguas à reflexão! Destinarei muitos capítulos desta obra a esse assunto (CONDILLAC, *Ensaio*, p. 77).”

Os capítulos a que Condillac se refere encontram-se justamente na segunda parte do *Ensaio*. Neles, o círculo será desfeito por meio da elaboração de uma história da linguagem, que vai retrazar a formação de diversos sistemas de signos a partir de um primeiro: o da linguagem dos gestos e sons inarticulados ou, conforme a terminologia do filósofo, a *linguagem de ação*⁷. Misto

dos os primeiros signos, teremos regras para inventar os outros. Os que ignoram esse método a ponto de serem obrigados a atrelar cada coleção a signos sem nenhuma analogia entre si não têm como se guiar na invenção de signos, e não têm assim a mesma facilidade para criar novas ideias.”

6 Entende-se por semiótica aqui uma teoria dos signos que visa examinar suas propriedades e seu uso correto, tema do qual se ocupa a maior parte da argumentação de Condillac no *Ensaio*. O uso do termo nesse sentido, aliás, pode ser rastreado até Locke, filósofo ao qual o abade rende frequentes homenagens. Sobre isto, cf., LOCKE, *An essay concerning human understanding*, IV, 21, pp. 720-721.

7 “Linguagem de ação” é a denominação dada por Condillac para a primeira forma linguística de que somos capazes. É derivada da conformação de nossos órgãos e consiste, como explica o verbete “Langage” (CONDILLAC, *Dictionnaire des synonymes*, p.353) nos “gritos [inarticulados], nos gestos e em todos os movimentos que podem despertar alguma ideia”. Conforme observa o filósofo na *Gramática*, sendo composta, num primeiro momento, por reações do corpo aos objetos da experiência, ela nos fornece os primeiros signos tanto para designar tais objetos quanto para expressar as paixões por eles suscitadas. Uma vez que seus elementos (gritos, expressões da face e gestos) podem ser realizados ao mesmo tempo, sua característica é a expressão simultânea de diversos conteúdos. Esse é tanto seu ponto forte quanto seu ponto fraco. Pois, se ela possui maior capacidade de expressão, é, no entanto, uma ferramenta precária para a análise da experiência. Para esse

de história conjectural⁸ e história natural, esse conjunto de textos reconstitui os progressos da linguagem desde aquele ponto inicial até a formação das línguas, terminando pelo exame das origens e da evolução da escrita. Percorrendo uma longa sucessão de sistemas de expressão, Condillac vai mostrando de que modo os signos são naturalmente engendrados para suprir diferentes necessidades humanas. Ainda que outras linguagens, além da de sons articulados, sejam examinadas pelo filósofo, é sobre a fala que recai o acento de sua análise. E, por isso mesmo, é natural que boa parte da argumentação se detenha sobre as palavras, pois, elas são os elementos constituintes dessa linguagem.

Este exame da origem das palavras ressalta a tendência geral dos signos a se tornarem progressivamente mais abstratos. Isso se deve, antes de mais, a uma questão, digamos, de ordem⁹. O curso natural do pensamento, que começa na sensação, tem por ponto inicial o particular e o singular. De modo que, a rigor, inicialmente todas as palavras são nomes próprios que designam esta ou aquela coisa. Uma vez que o objeto nomeado é sempre singular e concreto, somente após um longo exercício e mediante repetida comparação, os nomes passarão a ser empregados para designar classes e gêneros. De posse de termos como esses, poderemos então ordenar o diverso fornecido pela observação. Empregando-os, passamos a classificar e distribuir os objetos da experiência em diferentes categorias (gêneros, espécies e classes) que organizam e estabelecem relações entre as coisas, conforme suas semelhanças e diferenças.

Representação gráfica da palavra falada, a escrita alfabética constitui o último refinamento de que tratará essa análise do desenvolvimento da linguagem. Por isso, talvez, é que

último fim, a fala, ou seja, a linguagem de sons articulados é mais apropriada e seu desenvolvimento constitui um importante refinamento do espírito humano. Com efeito, dispostas em sucessão nas frases e proposições as palavras transmitem as ideias de modo mais distinto e permitem reconstituir com maior clareza a ordem em que tais ideias se relacionam. Cf., sobre isso, CONDILLAC, *Gramática*, pp.157-165.

8 Escrita sob a forma de uma história conjectural, a investigação acerca da origem e dos progressos da linguagem terá o caráter de uma “teoria funcional dos signos”, na expressão de Pierre Swiggers. Isto é, não se trata de reconstituir a história efetiva, “concreta”, da invenção das línguas, mas de elaborar uma explicação da gênese da linguagem que tem como ponto de partida o exame de seus usos, suas funções e sua necessidade para o desenvolvimento das faculdades da alma. É a consideração desses aspectos que condiciona, então, a série de conjecturas que constituirá a história da linguagem. Cf., SWIGGERS, P. “La sémiotique de Condillac ou la pensée de la pensée.” In: *Condillac et les problèmes du langage*, Sgard, J. (org.). Editions Slaktine: Genebra-Paris, 1982.

9 Cf., CONDILLAC, *Ensaio*, pp.238-239.

em sua análise se revela um aspecto importante da relação entre signo e significado ainda não explicitado nas etapas anteriores. Isto é, partindo do desenho, que retrata pictoricamente o significado, e indo em direção ao signo alfabético, puramente abstrato, que já não tem nenhum correlato na experiência, ela traz à luz uma peculiaridade da relação de significação que já estava presente, mas permanecia implícita, quando se tratava de elucidar o surgimento das outras formas de linguagem.

III

O fio condutor da investigação das origens da escritura, seguindo o método já adotado em outras etapas da argumentação do *Ensaio*, são os rastros deixados em cada um dos momentos do desenvolvimento da escrita, a partir dos quais se poderia recompor hipoteticamente a ordem e a articulação desse desenvolvimento. Como afirma Foucault, em *As palavras e as coisas*: “As línguas, saber imperfeito, são a memória fiel de seu aperfeiçoamento. Induzem em erro, mas registram o que se aprendeu (FOUCAULT, *As palavras e as coisas*, p. 121).” Se isso serve para as línguas, serve igualmente para a palavra escrita.

Último desenvolvimento da história hipotética da linguagem, a escrita deve estar organicamente ligada ao germe de todas as linguagens, e essa ligação deve ser rastreável pelas marcas deixadas nas sucessivas formas históricas que ela concretamente assumiu. Trata-se, mais uma vez, de reconstituir um movimento contínuo, remontando os desenvolvimentos dos signos próprios à escrita, desde a matriz de toda linguagem. E, uma vez que o motor de todo processo é sempre o *besoin*, será preciso mostrar qual necessidade leva os homens a essa invenção. Noutros termos, por um lado, se os signos de instituição não são, como mostrará toda obra posterior, tão arbitrários como a nomenclatura do *Ensaio* pode dar a entender, será preciso mostrar como se passa do germe ao estágio final da escrita (os signos do alfabeto) por meio de uma série de movimentos contínuos, cuja regra será sempre alguma analogia¹⁰.

10 É a analogia que deve conduzir a invenção de novos signos e novas linguagens, o que implica que um sistema de expressão sempre se refira a outro, que necessariamente o precede na sucessão das várias formas linguísticas. É esse fio que a história da linguagem percorre. De acordo com a fórmula do próprio Condillac: “Esta história poderia passar por um romance; mas não se pode negar que ela é ao menos verossímil. Não creio que o método que adotei tenha me levado ao erro. Propus-me como objetivo não afirmar nada que não

A escritura responderá a uma necessidade derivada da complexificação das sociedades humanas, somada à fraqueza de nossa memória. Como assinala o autor, a invenção de seus signos decorre, antes de mais, da necessidade de perpetuar seus pensamentos, legando-os às gerações seguintes¹¹. Esse instrumento pressupõe, evidentemente, que a fala já esteja consolidada. A invenção de seus signos está, porém, profundamente enraizada na linguagem de ação. Em seus estágios iniciais, as línguas são ainda marcadamente figuradas e metafóricas, como assinala o autor, tornando “natural” que os primeiros signos da escritura também o sejam. O caráter “figurado” das primeiras línguas, fortemente calcado em sua proximidade com a linguagem de ação, está presente até mesmo na nomeação dos objetos mais distantes da sensibilidade. Ora, assim como as palavras designam, inicialmente, objetos sensíveis e passam, mediante um deslocamento que podemos chamar de metafórico, a significar objetos distantes da sensibilidade, a escrita vai nascer misturada ao desenho - primeira modalidade de representação gráfica de objetos inventada pelos homens. À semelhança dos quadros pintados pela linguagem de ação, a primeira forma da escrita nada mais é que desenho: “O meio mais natural seria desenhar as imagens das coisas. Para exprimir a ideia de um homem ou de um cavalo, representar-se-ia a forma de um e de outro, e a primeira tentativa de escrita não teria sido mais que simples pintura (CONDILLAC, *Ensaio*, p. 259).”

Escritura e pintura são, no começo, a mesma coisa e só configurarão como domínios independentes conforme o signo gráfico for deixando de se constituir como desenho de uma ideia¹². O resultado da história da escrita é, porém, conhecido, pois as línguas modernas, isto é, europeias, são todas elas representadas por signos alfabéticos. Não se trata, entre elas de desenhar ideias, mas de representar graficamente sons articulados para, através deles, representar palavras. Há uma mutação que envolve, portanto, um movimento de latitude considerável: vai-

fosse decorrente da suposição de que cada linguagem teria sido imaginada a partir de outra, que a precedeu imediatamente (...) (CONDILLAC, *Ensaio*, p.281).”

11 Cf., CONDILLAC, *Ensaio*, p. 259.

12 A pintura surge vinculada à escritura e só começará adquirir uma esfera própria à medida que essa última for deixando de lado o desenho, para tornar-se cada vez mais abstrata: “É verossímil supor que a pintura deve a sua origem à necessidade de assim retraçar nossos pensamentos, e essa necessidade, sem dúvida, contribuiu para conservar a linguagem de ação como a que melhor se presta à pintura (CONDILLAC, *Ensaio*, p. 259).”

-se da representação do objeto pela figuração, pelo retrato, à representação gráfica do fonema, já totalmente descolada da figuração.

Segundo Condillac, essa dissociação é perceptível nos incrementos da escrita egípcia. Os hieróglifos guardam evidentemente aspectos da escrita pictórica, mas apresentam três modos distintos de representação que gradualmente os distanciam da figuração simples. Por isso, definem-se, segundo texto, por duas características: são pinturas e caracteres (marcas) ao mesmo tempo. Enquanto caracteres eles evoluem de modo a despregar-se progressivamente do retrato de um objeto concreto, perfazendo o movimento de abandono paulatino do caráter pictórico. Essa mudança ocorre, primeiramente, através de um procedimento que podemos identificar à metonímia mas que progride no sentido do uso metafórico das imagens e finda no estabelecimento da significação por semelhança e analogia, mesmo as mais tênues, com o objeto significado:

A primeira consistiria em empregar a principal circunstância de um objeto para ocupar o lugar do todo. Por exemplo, duas mãos, uma com um escudo, a outra com uma lança, representariam uma batalha. A segunda, imaginada com mais arte, consistiria em substituir, pelo instrumento real ou metafórico de uma coisa, a coisa mesma. por exemplo, um olho colocado em destaque representaria a onisciência de Deus, uma espada, um tirano. Por fim, recorrer-se-ia, para representar uma coisa, a outra em que se encontrasse semelhança ou analogia; teria sido essa a terceira maneira de empregar essa escrita. O universo, por exemplo, seria representado por uma serpente, o colorido de suas escamas designando as estrelas (CONDILLAC, *Ensaio*, p. 260).

Do desenho de mãos que seguram a espada e o escudo para significar a batalha à serpente que significa o universo há uma mudança considerável. Desdobrando-se dessa maneira, a relação de significação torna-se mais tênue, abstrata e, sobretudo, distancia-se da mera figuração própria do desenho. A serpente da terceira etapa de tal “evolução” não é mais mera serpente, pois se esse animal é escolhido como caractere do universo é por uma similitude fluida e um tanto vaga: uma certa forma, somada ao brilho de suas escamas, basta para que ela designe o universo.

Curiosamente, a análise da escritura explicita um problema dado em potência desde a instituição dos primeiros signos. As potencialidades e os seus perigos da relação de significação são exemplarmente trazidos à luz pela investigação da escrita, pois, a fluidez de seus caracteres indica claramente como são possíveis a significação frívola, o jogo de palavras e o jargão vazio.

E isso parece valer para a significação em geral. Como nota Derrida, a relação entre signo e significado abre um espaço no qual o discurso frívolo, que nada designa, vem a se alojar: “O signo é a disponibilidade: se pela falta da percepção e pela ausência da coisa (o tempo) ele nos garante um domínio ideal, se, como diz Condillac, ele põe à disposição, ele pode ser igualmente frágil e vazio, frágil e inútil, pôr a ideia a perder (...)”. É nas mãos dos filósofos, principalmente, que esse esvaziamento tem início:

O método seria refinado à medida que os filósofos se aplicassem a matérias de especulação. Quando acreditassem ter realizado uma descoberta relativa a coisas abstrusas, alguns deles, seja por excentricidade, seja para esconder do vulgo os seus conhecimentos, elegeriam como caracteres figuras cuja relação com as coisas que queriam exprimir fosse desconhecida. (CONDILLAC, *Ensaio*, p.261).

Movidos seja por necessidade, seja por vaidade, os filósofos inauguram o mau uso da linguagem. O mesmo refinamento da linguagem que lhes permite debruçar-se sobre objetos distantes da sensibilidade leva-os a estender o signo, forçando a analogia, tornando-a tênue e arbitrária. A necessidade de exprimir e pensar seus objetos combinada a um certo encantamento da própria linguagem, tornará as seitas filosóficas férteis na produção de signos sem significado. A escrita, até então útil, abre espaço para o palavrório vazio e o jargão abstruso a que Condillac se referia no *Tratado dos sistemas*.

Todavia, se o fútil pode se instalar no campo da representação, conforme ela se desenvolve e complexifica, o mesmo movimento que o engendra vai dar origem a uma outra forma de representação gráfica que precede imediatamente a invenção do alfabeto. Conforme os textos se tornam copiosos e os temas mais complexos, a necessidade de economia de expressão leva à elaboração de um outro sistema que substitui o “desenho ao natural” pela criação de caracteres simbólicos, ainda pictóricos em alguma medida, mais abstratos ainda que o hieróglifo. Processo de abstração no qual o traço funciona agora como marca simbólica que retém nossa atenção por sua capacidade de evocar objeto significado. A atenção dada ao próprio símbolo, como indica o texto, se reduz e é o poder evocativo da marca que se retém. Conforme a passagem de Warburton, citado por Condillac:

Formadas de início pelo contorno da figura, tornaram-se depois uma espécie de marca. Essa escrita teve o efeito, de resto natural, de diminuir consideravelmente a atenção dada ao símbolo, pois fixava a coisa que era significada. Dessa maneira a escritura simbólica foi consideravelmente abreviada, pois somente era preciso evocar a poderosa marca simbólica, enquanto que antes era necessário instruir-se a respeito das propriedades da coisa ou do animal empregado como símbolo. (CONDILLAC, *Ensaio*, 262).

Entre a marca e o hieróglifo a diferença é considerável: não se trata mais de assentar a significação na semelhança entre a figura e o objeto figurado, mas apenas de instituir uma marca que substitui este último. Se o hieróglifo era um misto de caractere e desenho, o ideograma é marca simbólica, caractere correspondente a ideias que, encadeados num texto, poderão fixar uma sequência de pensamentos. A marca simbólica não opera mais na chave da pintura e sim na da significação pura e simples: ela é apenas traço que substitui um objeto ausente. Dela para a invenção das letras o passo é curto, pois, trata-se de mera simplificação que completa um movimento que desde o início incluía a tendência perigosa ao distanciamento da representação em relação às condições de sua produção.

Sendo composta por signos de instituição, ainda que a analogia deva presidir sua invenção, na escrita o espaço está aberto para que se escolha as representações mais cômodas. Convém notar, no entanto, que essa possibilidade estava dada desde a origem da linguagem. Com efeito, ali gritos, caretas e gestos eram lidos (expressão do autor) como representando sentimentos e paixões, unicamente pelo fato de serem compartilhadas pelos homens em geral. Era por reconhecermos nos gritos dos outros algo semelhante aos que nós mesmos emitimos quando sentimos dor que estabelecíamos uma ligação os sons e essas sensações. A relação entre signo e significado sempre dependeu, portanto, da interpretação e sempre supôs o comércio entre os homens, Mas nunca possuiu nenhum vínculo com a natureza das coisas. Como nota Foucault, em *As palavras e as coisas*:

Os elementos de que a linguagem de ação é composta (sons, gestos, caretas) são propostos sucessivamente pela natureza, e, contudo, não têm, na maioria das vezes, com aquilo que designam, identidade alguma de conteúdo, mas não têm, sobretudo, relações de simultaneidade ou de sucessão. O grito não se assemelha ao medo, a mão estendida não se assemelha à fome. Tais signos foram de uma vez por todas instaurados pela natureza, mas não exprimem a natureza daquilo que designam (FOUCAULT, *As palavras e as coisas*, p. 211).

Se aceitarmos essa hipótese, a investigação condillaciana acerca dos progressos da escritura traz à luz uma tese profundamente antimetafísica, ela explicita que a capacidade representativa dos signos não depende em nada de uma relação essencial entre signo e significado. Condillac advoga a tese segundo a qual não haveria senão relações externas entre os objetos e suas designações, todas elas tributárias de nossa conformação orgânica, de nossa experiência, de nossas necessidades, das tendências da imaginação e, em última análise, de sua utilidade para nós. Atribuir à linguagem a propriedade de designar a natureza mesma de seus objetos é confundir capacidade de representar com o poder de conhecer a essência dos objetos representados. As denominações derivam, desde o advento das primeiras designações, de “opiniões, preconceitos e erros”, pois é a partir da “aparência” que se convencionam os nomes. No limite, aliás, não poderia ser diferente uma vez que a matriz do que o homem é o dado sensível. Todavia, como explica o *Ensaio*: “(...) o costume de ligar signos a coisas torna-se para nós tão natural, quando ainda não temos condições de estimar o seu valor, que nos acostumamos a referir os nomes à realidade mesma dos objetos, e acreditamos que eles explicariam perfeitamente a sua essência (CONDILLAC, *Ensaio*, p. 284).”

A teoria da linguagem de Condillac situa-se, portanto, no canto oposto ao do Crátilo de Platão¹³, pois recusa completamente toda pretensão ao estabelecimento de um lastro metafísico para o signo¹⁴. Estando fora de questão a possibilidade de uma linguagem capaz de representar a “realidade mesma dos objetos, os homens estão livres escolher entre diferentes signos possíveis, conforme estes sejam mais úteis¹⁵. A reconstituição dos progressos da escrita, partindo

13 A tese exposta no Crátilo, conforme explica Danièle Gambarara, seria a seguinte: “(...) os nomes foram dados por alguém que conhece a natureza das coisas e devem, portanto, exprimi-la como podemos ver se sabemos examiná-los. Sua validade explicativa natural (*physis*) se funda sobre sua origem numa sábia imposição (*thesis*) (GAMBARARA, D, “L’origine des nomes e du language dans la Grèce Ancienne”, p. 86, in: *Histoire des idées linguistiques*, Auroux, S. (org.), Pierre Madraga Editeur: Liège-Bruxelles, 1989)”. Em que pese a dificuldade de interpretação, entretanto, convém notar que a posição da personagem título exprime uma das visões predominantes no pensamento grego e foi largamente atribuída ao filósofo por seu leitores.

14 Cf., por exemplo, Condillac, *Gramática*, p. 167: “Certos filósofos pensaram que os nomes da língua primitiva exprimiriam a natureza mesma das coisas. (...) A causa de seu equívoco é esta: por terem visto que os primeiros nomes eram representativos supuseram que representavam as coisas tais como são.”

15 É isso, aliás, que permite entender a sucessão da grande variedade de formas de representação exploradas de maneira sistemática ao longo da história da linguagem apresentada no *Ensaio*. Uma vez que os nomes

da representação pictórica dos objetos e chegando à representação inteiramente abstrata dos fonemas pelas letras do alfabeto, ilustra justamente isso. O exame condillaciano da escritura é importante, pois nele se torna particularmente evidente um movimento de crescente abstração e de distanciamento progressivo daquele modo representação que, calcado no desenho, fazia referência direta ao objeto, imitando de perto a linguagem de ação. Embora com isso muito se ganhe, o problema é que quanto mais distante se estiver desse referencial, maior será o risco de extravio por meio da instituição de signos destituídos de qualquer referência a objetos da experiência. Para que os diferentes sistemas de significação se sucedam de maneira inteligível e seus signos não se esvaziem é preciso, como explica Condillac, seguir o fio fornecido pela analogia:

As línguas não são um amontoado de expressões tomadas ao acaso, ou das quais nos servimos por mera conveniência. Se o uso de cada palavra pressupõe uma convenção, a convenção pressupõe uma razão, que leva a adotar cada palavra. É a analogia, que dá a lei, sem a qual seria impossível compreender o que quer que fosse, não permite que a escolha seja inteiramente arbitrária (CONDILLAC, *Língua dos cálculos*, in *Lógica e outros escritos*, p. 213).

O exame dos progressos da escrita mostra bem o quão tênue esse fio condutor pode ser, pois, indica o quão facilmente pode diluir-se a analogia entre o signo e o objeto ou as relações que ele representa. Uma língua bem-feita, falada ou escrita, é aquela na qual a observação da analogia indica os signos mais apropriados para a expressão de seus conteúdos. “Termos próprios”, segundo a terminologia técnica de Condillac, são apenas aqueles que possuem maior analogia, maior semelhança, com o que representam¹⁶. O problema é que a história da formação línguas, entretanto, está sujeita a diversos acidentes que condicionam a invenção do vocabulário e dão forma à

não derivam da natureza das coisas entende-se que o homem possa elaborar, sem incorrer necessariamente, em erro diferentes linguagens como a fala, a pantomima, a escrita, a música e etc. Haverá, por certo, vantagens e desvantagens de umas em relação às outras, conforme o uso que se queira fazer de cada uma delas. Entretanto, todas elas serão sistemas igualmente válidos de representação.

16 Cf., CONDILLAC, *Língua dos cálculos*, p. 214: “Diferentes expressões representam as coisas sob diferentes relações, e as visões do espírito, vale dizer, as relações sob as quais consideramos uma coisa, determinam a escolha que devemos fazer. A expressão escolhida é o que se chama de termo próprio. Dentre muitas há sempre uma que deve ser preferida, e todas as nossas línguas seriam igualmente bem-feitas se as escolhas tivessem sido sempre acertadas.”

gramática de cada uma delas, com resultados nem sempre felizes. Condillac ressalta em diversos textos que as línguas vernáculas são geralmente conjuntos de “detritos” de outras mais antigas, que os costumes orientam indevidamente a escolha das significações, que a ignorância dos primeiros homens e o preconceito interferem de modo negativo na invenção de novos signos. Fatores dessa ordem introduzem um elemento arbitrário que põe de lado as razões fornecidas pela analogia na formação das “línguas vulgares”. Por admitirem elementos arbitrários em sua composição, esses idiomas são línguas mal feitas. Numa palavra, essas línguas são jargões de difícil compreensão e constituem instrumentos precários para o raciocínio que podem induzir ao erro¹⁷.

Uma língua mal formada terá graves consequências para a capacidade de raciocinar, uma vez que será um entrave para um exame preciso da experiência¹⁸. Afinal essa operação da alma consiste, segundo Condillac, em empreender a análise dos dados sensíveis, submetendo-os à ordem sucessiva que é própria da proposição linguística. Tudo o que é simultâneo e misturado no pensamento bruto é analisado, distinguido, ordenado e, nessa medida, propriamente conhecido na e pela proposição. Pela linguagem o pensamento distingue, classifica, ordena, hierarquiza e explicita relações. De posse desse instrumento, não só a experiência se torna analisável, mas também as próprias ideias e operações da alma. Nas palavras do autor:

17 Condillac explicita este ponto supondo uma língua inteiramente desprovida de analogia e estabelecendo um contraste entre ela e uma outra perfeitamente construída segundo essa regra: “Imaginemos uma língua inteiramente arbitrária, de sorte que a analogia não tenha determinado nem a escolha das palavras nem suas diferentes acepções. Essa língua seria um jargão, que ninguém poderia aprender; e seria impossível raciocinar com ela, menos ainda inventar. Ao contrário, uma língua seria da maior conveniência se a analogia, que a tivesse formado inteiramente, se mostrasse sempre de maneira sensível, e não escapasse jamais. Então raciocinar-se-ia como a natureza nos ensina a raciocinar, e passar-se-ia de uma descoberta à outra sem esforço (CONDILLAC, *Língua dos cálculos*, p. 263).”

18 Pode-se afirmar que, para Condillac, não há razão sem linguagem. Como mostra o *Ensaio*, de modo sucinto e definitivo, o raciocínio é tão somente um encadeamento de juízos dependentes uns dos outros, e o juízo, por sua vez, é sempre uma afirmação, ou uma negação, que resultante da comparação de nossas ideias; “Quando comparamos nossas ideias entre si, a consciência que temos delas faz com que as conheçamos como iguais, sob todos os aspectos em que as consideramos, o que se torna manifesto quando as ligamos pela palavra é [*est*]; isso chama-se *afirmar*. Ou então essa consciência faz com que as conheçamos como não sendo iguais, o que se torna manifesto quando as separamos pelas palavras *não é* [*n'est pas*]; isso chama-se *negar*. Essa dupla operação chama-se *julgar* (CONDILLAC, *Ensaio*, p. 89).”

Ora, a análise do pensamento é feita inteiramente no discurso. Sua precisão é maior ou menor, conforme as línguas sejam mais ou menos perfeitas, e dependendo da justeza do espírito de quem as fala. Por essa razão considero as línguas como tantos métodos analíticos (Condillac, *Grámatica*, in: *Lógica e outros escritos*, p. 156).

Por um lado, o pensamento se aprimora com a linguagem, pois, por meio dela analisa e ordena aquilo que lhe é dado de forma simultânea e confusa na experiência sensível. Por outro, a ordem consecutiva, característica do discurso, abre a possibilidade de que a atenção se volte para o próprio pensamento, para as operações da alma, tornando claro para os homens o que eles fazem ao pensar. Isto é, a linguagem possibilita aos homens a reflexão sobre o próprio pensamento, compreendendo suas regras, organizando-as como cânone de uma arte¹⁹.

Se um pensamento é sem sucessão no espírito, ele tem uma sucessão no discurso, onde ele se decompõe em tantas partes quanto abarca ideias. Então podemos observar o que fazemos ao pensar, podemos nos dar conta disso; podemos, por conseguinte, aprender a conduzir nossa reflexão. Pensar torna-se, portanto, uma arte, e essa arte é a arte de falar (CONDILLAC, *Discurso preliminar*, in: *Lógica e outros escritos*, p. 142).

O problema é que todas as “línguas vulgares”, em seu desenvolvimento histórico, seguiram de modo mais ou menos irregular o fio da analogia. Ou seja, no limite, com exceção daquela língua inteiramente artificial que é a matemática, qualquer sistema linguístico é mal formado em algum grau. Daí decorre, aliás, o empenho de Condillac na árdua tarefa de compreender o funcionamento dos sistemas linguísticos de que dispomos e os mecanismos de instituição dos signos: para bem pensar e fazer progressos no conhecimento os homens precisam dominar a linguagem e estabelecer com consciência e clareza as regras de seu uso e constituição²⁰. Necessi-

19 Não por acaso, é no escrito intitulado justamente *Da arte de pensar* que o filósofo nos apresenta uma formulação notavelmente sintética do papel desempenhado pelos signos na produção do conhecimento e no desenvolvimento das faculdades ou operações da alma: “Eis a alma do homem com sensações e operações. Como vai ela dispor desses materiais? Gestos, sons, cifras, letras. É com esses instrumentos tão estranhos às nossas ideias que operamos sobre elas para nos elevarmos aos conhecimentos mais sublimes. Os materiais são os mesmos para todos os homens, mas a habilidade de se servir dos signos varia e dela advém a desigualdade que se encontra entre eles (CONDILLAC, *De l’art de penser*, pp. 734,-735).”

20 Por isso, aliás, a última parte do *Ensaio* será dedicada a explicitação de um método com forte acento

ta-se, em suma, de uma língua bem-feita e é igualmente necessário estabelecer um método para empregá-la nas ciências. Uma língua mal feita, como são em diferentes graus todas as línguas vernáculas, permite que as paixões e a fantasia, em vez da observação e da análise, orientem a condução do pensamento, pavimentando o caminho para a constituição do discurso frívolo:

Com efeito, se nossas paixões ocasionam erros, é porque elas abusam de um princípio vago, de uma expressão metafórica, e de um termo equívoco, para realizar com eles aplicações a partir das quais possamos deduzir as opiniões que nos lisonjeiam. Se não nos enganamos, os princípios vagos, as metáforas e os equívocos são assim causas anteriores a nossas paixões. Será suficiente, portanto, renunciar a essa linguagem vã, para dissipar todo artifício que leva ao erro (CONDILLAC, *Ensaio*, p.295).

Casos extremos da tendência dos homens a estender excessivamente o procedimento metafórico e a linguagem figurada em geral, os grandes sistemas do século XVII, são excelentes exemplos do perigo inscrito, desde o início, na linguagem em geral e nas línguas mal feitas em especial. Se a metafísica clássica incorreu em erro foi porque, falando uma língua mal formada, perdeu o referencial que a analogia poderia lhe fornecer, tornou-se arbitrária e alienou-se da experiência. Por isso, conforme a expressão do *Tratado*, “sua linguagem é tão somente uma trama de metáforas mal escolhidas e expressões forçadas (*Traité des systèmes*, p. 205).” Perdido o fio da analogia, bastará “uma palavra cuja significação seja vaga” para que sejamos capazes de “erguer um sistema”²¹. Tomando esse ponto de partida, o discurso metafísico será capaz de conceder aparência de verdade a sistemas cuja característica é a inversão da ordem do conhecimento. Com efeito, as máximas abstratas e as suposições da imaginação que estão em seu fundamento, não estão no início do processo de conhecimento. Elas não são, falando com exatidão, princípios, e sim resultados que extraem sua evidência da observação criteriosa de casos singulares. Por isso, são impróprias para conduzir-nos à descoberta de verdades particulares²². Em outras palavras, na melhor das hipóteses o que vai compor os sistemas do século XVII são metáforas

no bom uso dos signos. Derivado do longo exame da geração das operações da alma, do papel da linguagem nessa geração, do estudo da instituição e dos progressos dos signos, esse método deverá, entre outras coisas, prevenir-nos contra os abusos da linguagem.

21 Cf., CONDILLAC, *Traité des systèmes*, p. 145.

22 Cf., CONDILLAC, *Traité des systèmes*, p. 122.

escolhidas de acordo com o gosto e o temperamento de cada autor²³. E se tal expediente adquire ares de verdade é porque os filósofos, refinando um equívoco comum a todos os homens que, esquecendo-se de que as palavras são formadas a partir de meras aparências, passam a crer que sua linguagem é representação fiel das coisas mesmas²⁴.

Bibliografia

FONTES PRIMÁRIAS

CONDILLAC. *Dictionnaire des synonymes*. In: *Oeuvres philosophiques de Condillac*, vol. 3. Presses Universitaires de France (P.U.F.): Paris, 1951.

_____. *Essai sur l'origine des connaissances humaines*. In: *Oeuvres philosophiques de Condillac*, vol. 1. Presses Universitaires de France (P.U.F.): Paris, 1947.

_____. *Traité des systèmes*. In: *Oeuvres philosophiques de Condillac*, vol. 1. Presses Universitaires de France (P.U.F.): Paris, 1947.

_____. *De l'art de penser*. In: *Oeuvres philosophiques de Condillac*, vol. 1. Presses Universitaires de France (P.U.F.): Paris, 1947.

_____. *Discurso preliminar ao curso de estudos para o Príncipe de Parma*, in: *Lógica e outros escritos*. Editora UNESP: São Paulo, 2016.

_____. *Ensaio sobre a origem dos conhecimentos humanos*. Pedro Paulo Pimenta (trad.). Editora Unesp: São Paulo, 2018.

_____. *Gramática*. In: *Lógica e outros escritos*. Editora UNESP: São Paulo, 2016.

_____. *A língua dos cálculos*. In: *Lógica e outros escritos*. Editora UNESP: São Paulo, 2016.

23 Como assinala Léon Kossovitch: "Os sistemas são reduzidos à linguagem metafórica: deslocados em sua pretensão de conhecimento, seu último refúgio é a metáfora, como obra de arte sem arte na fuga ao vazio. (Kossovitch, *Condillac lúcido e translúcido*, p. 142)."

24 Cf., CONDILLAC, *Traité des systèmes*, p. 129.

_____*A lógica ou primeiros desenvolvimentos da arte de pensar.* In: *Lógica e outros escritos.* Editora UNESP: São Paulo, 2016..

_____*Tratado das sensações.* Editora da UNICAMP, Campinas, 1993.

FONTES SECUNDÁRIAS

DERRIDA, J. “L’archéologie du frivole.” In: *Essai sur l’origine des connaissances humaines.* Éditions Galilée: Paris, 1973.

FOUCAULT, M. *As palavras e as coisas.* Editora Martins Fontes: São Paulo, 2002.

GAMBARARA, D, “L’origine des nomes e du langage dans la Grèce Ancienne”. In: *Histoire des idées linguistiques,* Auroux, S. (org.), Pierre Madraga Editeur: Liège-Bruxelles, 1989.

KOSSOVITCH, L. *Condillac lúcido e translúcido.* Ateliê Editorial: São Paulo, 2011.

LOCKE, J. *An essay concerning human understanding.* Oxford University Press: Oxford, 1979.

MONZANI, L.R. “O empirismo na radicalidade: introdução à leitura do *Tratado das sensações*”. In: *Condillac, Tratado das sensações,* Denise Bottman (trad.). Editora da Unicamp: Campinas, 1993.

SWIGGERS, P. “La sémiotique de Condillac ou la pensée de la pensée.” In: *Condillac et les problèmes du langage,* Sgard, J. (org.). Editions Slaktine: Genebra-Paris, 1982.

RESUMO

O presente artigo pretende examinar as linhas gerais da crítica de Condillac à metafísica, tentando indicar os elos entre sua recusa dos grandes sistemas do século XVII e sua concepção de linguagem. Para tanto, parte-se do Tratado dos sistemas, onde essa crítica é empreendida de maneira intensiva e detalhista, para se chegar à teoria dos signos linguísticos, apresentada pelo filósofo no Ensaio sobre a origem dos conhecimentos humanos e retomada em obras subsequentes. A tese fundamental aqui é a de que, aos olhos do abade, se os grandes filósofos da metafísica clássica equivocaram-se ao fundarem seus sistemas em “máximas abstratas” e “suposições da imaginação”, foi por terem sido induzidos a erro devido à própria natureza dos signos linguísticos. Se essa hipótese de leitura estiver correta, tanto esse diagnóstico quanto a chave para solução do problema dependeriam do exame da origem e dos progressos da linguagem, realizado por Condillac no Ensaio.

Palavras-chave *Metafísica; Empirismo; Signos; Linguagem; História da linguagem.*

ABSTRACT

This paper intends to examine the general lines of Condillac's critique of metaphysics, trying to indicate the links between his refusal of the great systems of the seventeenth century and his conception of language. It begins with a short presentation of the Treatise of Systems, where this criticism is undertaken intensively and in detail, and aims to arrive at the theory of linguistic signs presented by the philosopher in the Essay on the Origin of Human Knowledges and resumed in subsequent works. The fundamental thesis here is that, to Condillac, if the great philosophers of classical metaphysics were wrong to base their systems on “abstract maxims” and “assumptions of the imagination,” it was because they were misled by their own nature of the linguistic signs. If this reading hypothesis is correct, both this diagnosis and the key to solving the problem would depend on his examination of the origin and progress of language presented to the reader in his Essay.

Key words *Metaphysics; Empiricism; Signs; Language; History of language.*